



ISSN: 1983-8379

## **Oliveira Silveira: política de exceção e poética do além.**

**Helaine de Oliveira**<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo almeja elaborar uma breve análise acerca do protagonismo político e literário do poeta gaúcho Oliveira Silveira apontando-o como importante referência de intelectual diaspórico negro na literatura brasileira, em contraponto à visão equivocada acerca da aparente apatia do negro e aceitação de sua condição de subordinado desde a libertação dos escravos em 1888, transcorrendo o Período de Exceção no Brasil, como o reforça o discurso canônico literário oficial até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Exceção – Diáspora – Poética do Além – diferencia

**ABSTRACT:** This article aims to draw up a brief analysis about the political leadership of the poet Oliveira Silveira pointing him as an important reference for black diasporic intellectual in Brazilian literature, in contrast to the mistaken view about the apparent apathy and acceptance of the Brazilian black of their status as subordinate since the liberation of slaves in 1888, throughout the dictatorship period in Brazil, as reinforces the official literary speech of canon until today.

**Key words:** Brazilian Dictatorship – Diaspora – Poetics of Beyond - difference

Poeta negro brasileiro, nascido em 1941 na área rural de Rosário do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, filho de Felisberto Martins Silveira, branco, brasileiro de pais uruguaios, e de Anair Ferreira da Silveira, brasileira, de pai e mãe negros gaúchos, assim se definia o poeta Oliveira Silveira.

Graduado em Letras – Português e Francês com as respectivas Literaturas – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS e docente de português e literatura no ensino médio, Oliveira Silveira foi um dos criadores do Grupo Palmares, de Porto Alegre. Estudou a data e sugeriu a evocação do 20 de Novembro, lançada e implantada no Brasil pelo Grupo Palmares a contar de 1971, tornando-se Dia Nacional da Consciência Negra em 1978, denominação proposta pelo Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, MNUCDR. Como escritor, publicou até 2005 dez títulos individuais de poesia – “Pêlo escuro”, “Roteiro dos tantãs”, “Poema sobre Palmares”, entre outros.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – orientada pelo Prof. Pós Doutor Edimilson de Almeida Pereira. E-mail para contato: helaineck@yahoo.com.



ISSN: 1983-8379

A trajetória do poeta gaúcho poderia fazer parte da memória de todos ou de muitos brasileiros amantes da literatura, assim como o soam os nomes de outros tantos poetas e escritores brasileiros, não fossem os intensos e tão bem sucedidos esforços da nossa elite política e intelectual nos processos de supressão das vozes afrodescendentes do discurso histórico e literário nacional, desde 1808 até os dias atuais. Tais esforços compreendem estratégias de exclusão dentre as quais se destacam a tentativa de apagamento da trajetória dos negros pela interdição de sua história em livros escolares ou em espaços acadêmicos, do impedimento do negro ao acesso á escola e de suas manifestações no âmbito religioso e cultural de maneira afirmativa, que vão desde a queima de livros e documentos sobre a escravidão no Brasil (veja, a título de exemplo, a publicação no *Diário Oficial* do despacho de Rui Barbosa de 14/11/1890, ordenando a incineração de livros e documentos referentes à escravidão no Brasil); até a ocultação ou á não re-edição de obras de afrodescendentes. Soma-se a estes fatos, a destruição de monumentos negros ou a interdição dos terreiros nos anos 70, por exemplo, quando o fechamento de locais religiosos de matriz afro-brasileira no município do Rio de Janeiro obrigou seus praticantes a buscar outros lugares para a sua prática religiosa. Acrescenta-se a estes dados, a não preservação das áreas de quilombos como patrimônios históricos, aliados á dissipação de heróis negros, culminando na intencional e atroz folclorização da figura do negro como objeto de entretenimento no carnaval ou nas festas folclóricas, ou ainda, na sua reificação como artefato exótico, chamariz para turistas estrangeiros entre outros.

Oliveira Silveira tinha consciência da necessidade de preservação da cultura do negro, sobretudo no Sul do país, e engajou-se, para além da pena, na luta pela afirmação da voz dos afrodescendentes a partir, por exemplo, da preservação dos Clubes Sociais fundados por negros como espaços de memória e resistência. Por esta razão, estudar a obra do autor gaúcho na perspectiva do *além* tem um caráter no mínimo desafiador, no que tange á representação de suas idéias como homem diaspórico, que sofre em plenos anos 1970 no Brasil, o país *racialmente democrático*, o peso da travessia. Pensador obstinado, Oliveira Silveira sempre teve como uma de suas maiores preocupações dar voz aos *condenados da terra*, marcando-lhes um lugar digno junto aos intelectuais da nação. A poesia de Oliveira recorre de maneira simples a um modo de expressão que é direto e que ao mesmo tempo fala

2



ISSN: 1983-8379

aos afrodescendentes, pela evocação dos ancestrais africanos, numa tentativa de volta às origens e busca de identidade *após séculos de integração, miscigenação e branqueamento (físico e cultural) do negro*, como o atesta Reginaldo Prandi.

O engajamento político no período de exceção para Oliveira, não passa somente pela luta armada, como ocorrera com os escritores engajados de sua época. O poeta quer acordar o negro submetido a uma cultura *maior e mais forte*, européia, branca e cristã e alerta-lo sobre sua condição quase maldita de ex-cativo. O ativista intelectual quer libertar o pensamento dos seus irmãos de cor, em prol do que Homi Bhabha denomina o *performativo* em detrimento do *pedagógico*, entendendo-se por *performativo* a atitude de intervir na soberania da nação, e por *pedagógico*, a atitude autoritária que se fundamenta em uma tradição de nação. Nesse caso, compreendemos por nação, a Nação Zumbi, que nesta perspectiva tem a ver com o desejo de rompimento do discurso construído e identidades fabricadas segundo padrões europeus. Assim, a edificação de uma nova *nação* para Oliveira Silveira tem a ver com a modelagem de um novo olhar através da reativação de memórias e do não esquecimento dos fatos, como o concebeu o regime dominante. Trata-se da *descolonização da mente* como o concebe o escritor queniano Ngugi Wa Thiongo, para quem as revoluções revolucionam automaticamente a subjetividade (inclusive a dos próprios revolucionários).

Esta leitura, portanto não pretende ignorar os avanços conquistados pelo negro através das décadas no Brasil, nem se prender a um passado mítico e fictício, onde o homem branco simboliza o grande sujeito do mal e o negro, a grande vítima. Oliveira Silveira deve ser lido sob a ótica investigativa dos arquivos (físicos e virtuais), na acepção de Jacques Derrida em seu ensaio *Mal de Arquivo*, no qual o filósofo nos alerta para a urgência dos historiadores, filósofos e pensadores de uma maneira geral, de se fazer uma releitura crítica dos arquivos enquanto relatos fixos, porta-vozes inquestionáveis de narrativas *mortas*, desconexas com o presente na busca por uma melhor mediação entre as culturas. Nesse texto, Derrida propõe-se a distinguir o arquivo daquilo ao que foi reduzido: a experiência da memória e o retorno à origem, o arcaico e o arqueológico, a lembrança ou a escavação, resumindo: à busca do tempo perdido. Dessa maneira, o filósofo propõe uma nova postura analítica dos arquivos, uma vez que para ele, todo arquivo pressupõe inscrições, marcas, impressões. É necessário então analisá-los a partir da decodificação das inscrições e das marcas do armazenamento e da

3



ISSN: 1983-8379

preservação das impressões, visto que todo arquivo pressupõe, também, um lugar de consignaçoão - um lugar de reunião dos signos - e uma técnica de repetiçoão.

Analisar a obra de Oliveira Silveira nesta perspectiva é tentar elucidar o possível *mal entendido* acerca da inexistência ou irrelevância de um protagonismo afrodescendente durante o período de exceção no Brasil. Nestes parâmetros, torna-se interessante avaliar algumas pistas elucidativas (tais como a manutenção dos costumes, tradições e religião dos negros em tempos de exclusão), com o intuito de se subverter a tese *gaga* do discurso oficial que a partir da distorção de sons e palavras, serviu quase que para perpetuar a herança cultural negra no âmbito do fabuloso. É preciso ler Oliveira com alguém que pretende, como muitos de outros intelectuais seus contemporâneos, reelaborar o passado mítico indo beber, por exemplo, nas próprias tradições correntes, que brotam das instituições religiosas negras, como se pode observar em seu livro de poemas *Orixás*, tendo a cultura brasileira como modelo, e não a inocente crença na *verdadeira origem*, impossível de se resgatar visto que se encontra perdida no continente africano ou no meio do oceano. É preciso entender o texto de Oliveira á luz da *desconstrução*, proposta por Derrida, e cunhar caminhos inéditos para uma nova imagética do negro a partir da *difference*. Desta maneira cabe-nos reavaliar, por exemplo, os esforços discursivos do regime vigente durante os chamados *períodos de exceção* da história brasileira os quais compreenderam a Ditadura Vargas (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1979 – tendo durado até 1985, quando a "exceção" acabou com a Lei de Anistia, de 1979), que tiveram como uma de suas principais ideologias a criação e sacramentalização do *mito da democracia racial*. Não se pode em nenhum estudo desta natureza, descartar o contexto ideológico da sociedade em que o poeta se insere, ignorando assim seus aspectos mitológicos e identitários. É nesse sentido que as considerações de Homi Bhabha acerca de contexto não apenas político, mas também cultural, neste caso, da cultura na esfera do *além*, tornam-se relevantes. Em *O local da cultura*, Bhabha afirma que o *além* enquanto perspectiva de análise de uma cultura, não é *nem um novo horizonte, nem um abandono do passado*, mas uma visão diferenciada, uma leitura *desconstruída* dos contextos sócio-culturais em que os conflitos se apresentam. Embora o pensador indiano se apóie na ideologia do *além* para analisar casos de adaptações culturais para a transformação de posturas mais abrangentes acerca dos conflitos entre culturas, tomemos de empréstimo o termo cunhado pelo filósofo, que no contexto da

4



ISSN: 1983-8379

desconstrução do mito da democracia racial no Brasil nos cabe perfeitamente. Por essa razão, pode-se entender aqui que a manutenção da ideologia sobre as questões raciais no Brasil sempre esteve diretamente ligada a um ambiente propício para a sustentação da crença entre os brasileiros na inexistência do racismo e da desigualdade social relacionada ao negro.

Uma análise do período de exceção sem a adoção de uma nova perspectiva, de um novo olhar, de uma nova abordagem, sem se considerar o hibridismo da cultura brasileira e a ambivalência quase dilema em que o negro brasileiro vive desde a colonização, seria no mínimo ineficaz. É preciso que nos coloquemos no *entrelugar*, verificando de que modo a visão estereotipada do sujeito negro foi concebida através dos tempos. Daí podendo-se dizer que poética de Oliveira Silveira situa-se no *além*, ou seja, habita um espaço intermediário para reescrever a própria história pelo olhar do oprimido e no contexto do oprimido. É necessário que enunciemos a representação do negro de um *outro lugar*, do lugar da *difference*, como o propôs Derrida, rompendo fronteiras até então inflexíveis, estabelecidas pela história. É preciso propor um encontro com o novo, que não é parte do *continuum de passado e presente*, como afirma Bhabha, mas como um insurgente na tradição cultural.

Fanon reconhece a importância crucial para os povos subordinados de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar sua história reprimidas no processo de desterritorialização cultural afim de que possam encontrar novas formas de representação e um maior protagonismo. Embora esse artigo não trate de uma discussão acerca da colonização territorial brasileira como já esclarecido, toma-se de empréstimo os preceitos do psicanalista martinicano, levando-se em conta na poesia de Silveira, não propriamente a análise diaspórica afrodescendente no Brasil, mas, sobretudo as consequências da diáspora na vida e na permanência do negro em nosso território, posicionando-o desde sempre como *heimilish*, como um estranho, um estrangeiro, um *unhomed* graças à homogeneização da história pelo discurso dito *oficial*. Estudar a poética de Oliveira Silveira é perturbar a ordem linear da história, como o propôs Fanon, sob olhar do oprimido, do colonizado, do sem identidade, do chamado *homem pós-iluminista*, que propõe uma cisão do sujeito em contraste à linearidade tempo-espacial canônica da história. Esse sujeito pós-iluminista, adaptando Stuart Hall, é o negro brasileiro em sua totalidade e são também inúmeros outros brasileiros de *pêlo escuro*. Acreditamos, portanto, que uma análise epistemológica e não apenas cronológica da obra de

5



ISSN: 1983-8379

Oliveira Silveira necessita desorganizar o contexto da época de exceção em que sua obra fora escrita, para reorganizar os relatos fragmentados da história. Seus poemas nos apontam, já pelos títulos, para a crítica feita pelo poeta gaúcho á representação *coisificada* do afrodescendente.

Os poemas “Transmissão”, “Negrinho”, “Pêlo Escuro”, “O muro” e “Mão -de- Pilão” para exemplificar, ora retomam a reprodução do negro como objeto ou animal, do escravo fugitivo ou capturado, ora se dirigem a um leitor *apático*, numa espécie de panfletagem poética, convocando-lhes á ação. Tal alusão à representação *inanimada* do negro, não quer, de maneira alguma reforçar-lhe esteriótipos. Oliveira parece almejar o ajustamento de ouvidos esbofeteando a face do indivíduo alienado. Em “Ser e não Ser”, o poeta questiona o mito da democracia racial num tom *shakesperiano*, apontando para a eterna dúvida que parece pairar sobre a existência ou não de um regime inclusivo para as minorias, como o propaga o discurso antidemocrático vigente. Segundo Foucault (1983) “*o poder não é necessariamente repressivo uma vez que incita, induz, seduz, torna mais fácil ou mais difícil, amplia ou limita, torna mais provável ou menos provável.*” Além disso, o poder é exercido ou praticado em vez de possuído e, assim, circula, passando através de toda força a ele relacionada. O pensador francês propõe que os discursos sejam tratados como *práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem*, ou seja, são infinitas. Sob tal ótica, pode-se arriscar uma visão silveiriana transgressora, contrária àquela oferecida pela alocação canônica da crítica e da história literárias dos séculos XVIII e XIX. É como se o escritor gaúcho tentasse se apropriar da palavra, como o sugere Foucault, a partir da inversão em favor de um coletivo. O *Hamlet* silveriano, para confirmar esta tese, é o negro brasileiro, os Bantos, os Iorubas e os Nagôs. A cruel dúvida, de um lado o racismo que oprime, acorrenta e humilha, destrói identidades, e de outro, é Palmares no dia 20 de novembro; é Zumbi, é Banzo Saudade Negra. Em tão curto verso, Oliveira afirma, ou nega, afirma E nega, a existência dos de pele escura como pessoa ou objeto-ser e não ser. A conjunção aditiva ‘e’ no entanto, serve de contraste ao dilema do personagem criado pelo bardo inglês. O *solilóquio* do bardo negro é curto e urge comunicar-se com fluidez, visto que o exílio não lhe resguarda revanches e a audiência evanece. Nas rápidas entrelinhas a constatação do ser negro em contraste ao *nada ser*. No duelo de Oliveira, nem Grande Hall,

6



ISSN: 1983-8379

nem veneno ou parente a ser punido. A peça a ser representada é o teatro do absurdo da exclusão do afrodescendente. A revanche é a atitude e o príncipe é um *Negrinho*. Em seu drama o herói vive apesar dos contratemplos, pois precisa ir além e recuperar o seu reino.

## Referências

BABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. São Paulo: Editora Relume, 2001.

DERRIDA, Jacques. **L'écriture et la différence**. Éditions du Seuil 1967.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Maria Adriana da Silva Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983. O que vemos, o que nos olha. S. Paulo: Ed. 34, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. L'ordre du discours. Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre de 1970. Éditions Guallimard, Paris, 1971. Tradução Edmundo Cordeiro.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004.

FREUD, Sigmund. **O "estranho"**. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.17, p. 273-318. 18/09.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de estudos Afro-Asiáticos, 2001. 432 p.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA Edimilson de Almeida. **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira**. -Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUCMinas, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução Nilce Albergaria. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Tradução: Adelaine Lagardia Resende, Ana Carolina Escosleguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2003.



ISSN: 1983-8379

NASCIMENTO, Evando. **Derrida**. Coleção passo a passo 43. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2004.

PEREIRA, Edimilson de Almeida e JÚNIOR, Robert Daibert. **Depois, o Atlântico-Modos** de pensar, crer e narrar na diáspora africana. Editora UFJF. 2010.

PEREIRA, Prisca Agustoni de Almeida. **O Atlântico em movimento**: travessia, trânsito e transferência de signos entre África e Brasil na poesia contemporânea em língua portuguesa. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.